

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

Levantamento da cultura popular da região de Campinas

Laura Della MÔNICA
e Maria Angela Marques AMBRIZI
(Professoras do IAC/PUCAMP)

I – Introdução

Difícilmente o folclore resiste à ação do tempo e às imposições da sociedade urbana e da cultura de massa.

No Brasil a maioria dos folguedos populares tem sua origem na Península Ibérica e se refere ao Natal (Reisado, Folia de Reis, Pastoril); outros se realizam na época natalina, embora não estejam vinculados à natividade (Bumba-meu-boi, Marujada). O legado Africano, por outro lado, penetra vários rituais, cuja tendência ao sincretismo cultural parece mais claro do que na relativa fidelidade das festas de origem portuguesa.

Mas de Norte a Sul, observa-se uma acentuada descaracterização dos traços folclóricos originais. E isso por vários motivos:

(*) Pesquisa feita no quadro do Programa **Projeto de Pesquisa**, da PUCAMP. Departamento de Turismo e Departamento de Educação Artística do IAC. Campinas, novembro de 1984.

Agradecimentos

Deixamos registrados nossos agradecimentos às alunas Benedita Vieira Silva, Clarice Evangelista de Souza, Maria Cristina Tizzei, Rita de Cássia Scoz, Ruth Gália León Duarte e Vera Lúcia Varani, sem as quais não poderíamos ter realizado nosso levantamento. E à professora Amélia Seghesi Fogaça, colaboradora da partitura musical.

influência dos meios de comunicação, alta do custo de vida (que impede, por exemplo, a compra da indumentária), abandono do campo pelas populações jovens e conseqüente ruptura com a tradição.

O levantamento das manifestações folclóricas no país é considerado como necessidade urgente, de modo que se preserve o patrimônio tradicional do Brasil, através do que o povo conserva e cria, como documento de suas atividades espirituais e materiais. Justifica-se o projeto pelo grande interesse em dar uma unidade e uma afetiva coordenação ao atrativo turístico representado pelo folclore.

Dada a posição geográfica da região verificou-se que a etnia era uma função notável para a pesquisa. Desconhecida na sua cultura popular não registrada, cientificamente, até o momento, principalmente pelos aspectos de usos e costumes (Linguagem, medicina caseira, culinária, folclore infantil).

O folclore é considerado um elemento diferencial do setor turístico. Os costumes, as residências, a forma de trabalho, as canções, as festas, os trajes, os jogos, a gastronomia, a estrutura social e econômica são motivos de análise em busca de um esquema que todo turista deseja conhecer, observar. Além de servir para o enriquecimento cultural do turista.

O folclore como motivador do turismo possui um amplo campo de investigação e envolve toda a vida de um núcleo receptor.

A idéia de que turismo é uma simples diversão se alargou, verificando que igualmente possui condições educativas excepcionais.

O entrosamento entre Turismo e Folclore pode-se dar de duas maneiras:

a) o turista vai, em época certa ao local do fenômeno ou acontecimento;

b) o turista recebe informações através dos meios de comunicações ou o fenômeno é levado a ele.

Assim em épocas das grandes festividades como São João (mês de Junho), a Folias de Reis (mês de Dezembro e Janeiro), Semana Santa, Bumba-meu-boi (mês de Maio), Boi de Mamão (Dezembro) e danças como o Frevo, Catira ou Caterete, Samba, entre outras. O turista de preferência deverá assistir in loco. Na impossibilidade, por uma série de razões, ele receberá a informação através de folhetos, cartazes, audio-visuais, televisão ou o fenômeno folclórico popular chegará até ele com a presença de grupos ou exposições de arte e de artesanato, que em algumas cidades do

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

país como, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Porto Alegre, estão capacitadas a mostrar e vender objetos e danças folclóricas.

Quanto à gastronomia, podemos dizer que bares e pequenos restaurantes se utilizam de cardápios com características regionais.

II – Objetivo

O projeto objetivou identificar os elementos tradicionais em seus aspectos autênticos e de fidelidade ao folclore nacional; incentivar e proteger na respectiva autenticidade o artista, a festa folclórica e o artesanato, como atrativo turístico cultural; estabelecer de forma integrada as programações específicas, a fim de garantir a organização das manifestações folclóricas; harmonizar turismo e folclore, cultivando os velhos mestres e estimulando os jovens à continuidade tradicional.

III – Delimitação

Quando falamos em região de Campinas queremos nos dirigir aos Sub-Distritos de Sousas, Joaquim Egídio, Barão Geraldo e aos municípios de Paulínia e Campinas.

IV – Desenvolvimento da Pesquisa

O projeto de pesquisa foi dividido em três fases: levantamento bibliográfico, entrevistas e aplicação de formulários e elaboração do relatório final da pesquisa.

Na primeira fase a de levantamento bibliográfico foram consultadas as entidades e Instituições abaixo relacionadas:

- Biblioteca Municipal
- Academia Campinense de Letras
- Biblioteca de História da PUC
- Secretária de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal
- Delegacia de Turismo do Estado de São Paulo
- Biblioteca Mário Andrade (São Paulo)
- Arquivo do Jornal "O Estado de São Paulo"
- Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (São Paulo)

— Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo (São Paulo)

O material encontrado nesses organismos se resume em artigos de jornais e revistas e algumas publicações, fazendo com que concluíssemos que há falta de documentos que retratem a cultura popular na região de Campinas.

Os artigos de revistas e jornais e revistas estão baseados na Obra de Jolumá Brito, **História de Campinas**.

A segunda fase do projeto foi a elaboração, aplicação e tabulação dos formulários e entrevistas realizadas.

Procurando abranger toda a área de interesse a ser pesquisada, elaboramos 10 (dez) formulários, a saber:

- 1 — Rodas, brinquedos, Lúdica Infantil e de adultos
- 2 — Gastronomia
- 3 — Artes e Técnicas
- 4 — Linguagem e Literatura
- 5 — Medicina Caseira
- 6 — Danças e Folguedos
- 7 — Superstições e Crenças
- 8 — Religião — Sincretismo
- 9 — Usos e Costumes
- 10 — Eventos

Esses questionários foram distribuídos para 6 (seis) alunos do Curso de Turismo, que receberam treinamento para sua aplicação.

1 — Rodas, Brinquedos, Lúdica Infantil e de Adultos

As crianças ainda brincam de roda todas as vezes que a oportunidade aparece. No entanto, a falta de espaço, de períodos de lazer nas Escolas de 1ª e até 2ª Grau está cada vez mais se rarando.

Encontramos por parte das meninas as seguintes brincadeiras: boneca, casinha, roda, amarelinha, pula corda, pega pega, esconde esconde, peteca, passa anel, rocombole, cobra cega, balança caixão, mãe da rua, ôvo choco.

E os meninos brincam nos períodos cíclicos de: dominó, pião, betes, pega pega, papagaio (pipa), rolimã, bola de gude, polícia ladrão, queimada, esconde esconde, saquinhos de areia.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Quanto aos adultos sua lúdica ainda tem lugar aos sábados ou domingos e vésperas de feriados. E o divertimento é jogar boccia, truco, dominó e outros com o baralho.

2 – Gastronomia

Na linguagem popular diz-se: culinária ou comes e bebes.

Pelo levantamento realizado, as respostas se repetiam. Assim constatamos que os comes e bebes consumidos são:

a) **salgado**: arroz, feijão, verdura cozida e crua, farinha de mandioca (cozida ou crua), frango, pernil e cabrito assados, bolinho de carne moída com arroz ou batata, bolinhos de arroz com mistura de ovo e farinha de trigo, bolinho de batata, lingüiça de porco, ovo frito, omelete, buchada (dobradinha), feijoada, macarronada (principalmente aos domingos), espeto de carne bovina e lombo de porco, banana nanica ou maçã frita ou crua para acompanhar pratos, torresmo, pão de torresmo, frango ensopado com batata ou nhoque, carne de panela com molho de tomate, coxinhas, empadinhas, risólis, esfira, pão caseiro salgado, pipoca, farofa salgada, tutu de feijão, couve, milho verde, cuscus de milho.

b) **doce**: doce de abóbora com e sem coco, batata doce roxa ou branca, suspiro, pudim variado, manjar de coco, cocada branca ou queimada, arroz doce, sagu, doce de leite de vaca, pão de ló, pão caseiro doce, fios de ovos, bala de minuto, goiaba, doce de goiaba em pedaços, doce de mamão em pedaços ou ralado, doce de coco, doce de sidra ralado ou em pedaços, brigadeiro, cajuzinho, beijinhos de coco, tâmaras e ameixas recheadas, doce de nozes, de abacaxi, balas de coco, pipoca doce, algodão doce, pamonha, curau, rapadura, quindins.

c) **licor**: jabuticaba, laranja, mixirica, pitanga, hortelã ou fruta da época.

d) **xarope**: como refresco – frutas da época.

Desde 1975, a sofisticação e o desejo de “fazer coisas diferentes” tomaram conta da cozinha da região. As receitas são copiadas das mais recentes edições de culinária, ou através de pessoas amigas que ouviram no rádio e pela televisão.

A culinária tradicional aparece, e mesmo assim, deturpada, durante as festas dos três Santos do mês de Junho – Santo Antonio, São João e São Pedro.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Os informantes preferiram não dar receitas, justificando ser "de família", "tradição" ou outra evasiva.

Diziam também "O segredo é a alma do negócio, se você quiser eu faço para experimentar mas a receita não dou. Desculpe".

Das receitas que pudemos recolher são as corriqueiras, que não temos necessidade de transcrever.

Relacionamos as quituteiras que participam das festividades do mês do folclore (Agosto) na cidade de Campinas:

— Dona Maria Tereza Paula Camargo — doces (doce de leite, arroz doce, cocada mole, canjica).

— Dona Nina — veterana em bebidas (licores)

— Sr. Antonio — pamonha, milho verde, curau, cuscus de milho.

— Tia Erminia — pão caseiro (doce e salgado)

— Dona Tereza — doces (quindins, cocadinha de leite, balas de coco).

— Marlene — doces (balas de coco, abacaxi, ameixa, nozes e bombons de vários sabores).

No bar e restaurante do Sr. Mário, pode-se encontrar a famosa feijoada.

3 — Artes e Técnicas

Constatamos que na Região pesquisada, poucos objetos são feitos de taquara ou bambú — classificados como folclóricos, ou mesmo de outra fibra vegetal, entre eles encontramos o balaio e a peneira. As pesquisas indicam que as artes encontradas são de caráter popular ou de pessoas que fizeram cursos da referida arte.

Relacionamos a seguir os artistas:

1 — Wilson Roberto Soncin — possui um atelier há 10 anos; aprendeu na Escola Panamericana — artista em barro, madeira e couro — Sosas.

2 — Inês Rossin — aprendeu em Vitória do Espírito Santo — telas a óleo há 5 anos — Sosas.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

3 – Maria Manuela da Silva – aprendeu com várias pessoas a fazer trabalhos em crochê e tricô – Sousas.

4 – Antonieta Andery – faz trabalhos de crochê e tricô – Sousas.

5 – Ana Romano Gagetti – faz trabalhos em crochê – Sousas.

6 – José Nodolin – faz trabalhos em madeira, couro e barban-te – Sousas.

7 – Rogério G. dos Santos – faz pulseiras com linha e plásti-co – Sousas.

8 – Jorge de Oliveira – faz trabalho com bambú, há 5 anos – Sousas.

9 – Estela – faz frivoletê – Sousas.

10 – Acácio A. Elfralzino – faz trabalhos com colagem e pintura e também trabalha com vídeo – Sousas.

Esses artistas expõem na feira de Sousas.

Artesões de Campinas e Região

Expõe nas Feiras do Jardim Carlos Gomes e do Centro de Convivência Cultural em Campinas seus trabalhos de crochê, bordados, bonecas, madeira, couro, cerâmica, vime, com características tradicionais.

Há outros expositores com características populares expondo trabalhos de tricô, roupas bordadas, pintadas e tingidas; arame, cobre, ferro, perfume, sachê, bijouterias (metal, osso, madeira), flores secas, bambú, gesso e vidro.

A Feira do Jardim Carlos Gomes acontece aos sábados das 8h às 14h e a do Centro de Convivência Cultural aos domingos das 9h às 13h.

Relacionamos alguns artesões Campineiros, são eles:

1 – Curcio Família – presépio mecânico – quem trouxe a idéia da Itália foi o Dr. Guiseppe Curcio há 100 anos atrás.

2 – Francisco Sá – gaiolas – proprietários da loja Sá bem no centro da cidade.

3 – João de Oliveira Dias – objetos de lata (cataventos, mobiles).

4 – José Proteti – brinquedos acrobatas.

- 5 — Maria Ezequiel da Silva Nascimento — galinhas de arame.
- 6 — Raimundo Maglio — casinhas de papelão.
- 7 — Orlando Possar — objetos de metal (cinzeiros, vasos, quebra-luzes).
- 8 — Ulisses Rodrigues — objetos diversos com a "serrinha tico-tico".

Verificando as entrevistas chegamos a conclusão de que o número de pessoas que fazem crochê é grande, mesmo sem tradição. São cópias de revistas japonesas ou das lições de televisão. Podem ser encontrados nas feiras e nas exposições benedictinas.

O mesmo acontece com as pessoas que usavam e que usam arame ou outro material. Os anéis, as gargantilhas, as pulseiras, muito em moda feitas por artesões ou "hippies" continuam pelas praças e esquinas, sem as características locais ou mesmo regionais.

4 — Linguagem e Literatura

Ao ouvirmos as pessoas percebemos que a característica da pronúncia continua com o "R" especificamente acentuado como acontece em todo o interior paulista, e o som cantarolar no final da frase.

Quanto ao vocabulário notamos que é comum usar o coletivo no plural e a não conjugação de verbos.

As frases feitas são confundidas como uso de provérbios. Ouvimos: chover no molhado; não tem um gato para puxar pelo rabo; choveu na horta de fulano; ficou a pão e banana; deixa estar jacaré; quem tudo quer tudo perde; pau que nasce torto, morre torto; água mole em pedra dura, tanto bate até que fura; mais vale um pássaro na mão, que dois voando.

As histórias de assombração são contadas com variantes e bastante deturpadas, principalmente, as do Saci, que não usa mais o boné vermelho na cabeça. Assobia nas matas. Não apaga o fogo do fogão à lenha. Confunde-se o saci, que chupa sangue e amarra as crinas dos animais.

Almas do outro mundo e assombrações só existiram em épocas, que hoje foram derrubadas. No fim da estrada havia à meia-noite alguém esperando.

A viúva de 7 filhos (homens) deixou de ser a tal viúva e hoje ela existe mesmo e "faz das suas".

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

As crianças não tem mais medo a não ser das ameaças dos adultos de vez em quando.

As estórias infantis são mal lembradas como: "A Gata Borralheira", "A Bela Adormecida", "Os sete Anões". Ninguém mais conta estórias. As crianças aprendem tudo na escola, ou ouvem de outras crianças. Os adultos contam parte das estórias, esquecendo-se das partes mais importantes, no seu relato.

Estória da Dona Baratinha que se considerou muito rica ao encontrar um vintém, e, por isso, saiu à procura de quem com ela desejasse se casar. Encontrou o João Ratão, que por sua gulodice caiu na panela de feijão.

Quanto às adivinhas — o que é, o que é — obtivemos informações das mais comuns:

- a) joga para cima é branco, cai no chão é amarelo — (ovo)
- b) tem barba não é homem, tem dente não é gente — (alho)

E outras adivinhas que são mais jogos de palavras que jamais saberemos responder.

Os versos lembrados foram os ditos, quando criança:

sou pequenina da perna
grossa
vestido curto
papai não gosta

Percebemos que o esquecimento é a principal palavra usada. Algumas pessoas até se aborreciam e davam desculpas por não lembrarem.

Será fácil para o turista, que vem de outros estados do país, perceber a pronúncia da região.

5 — Medicina Caseira

A medicina caseira sempre existiu. Uma medicina empírica e experimental cuja receita é dada pela família, por amigos ou vizinhos com resultados benéficos.

Abaixo relacionamos algumas receitas:

- losna — chá para lombriga, febres, estômago;
- louro — digestivo

- quebra pedra – rins
- flor de laranjeira – chá quente – para resfriado natural – para deixar a bolsa cheirosa;
- alho – para resfriado, febre, tosse, pressão alta;
- mel de abelha – afinar a voz e garganta;
- sabugueiro – sarampo;
- agrião com açúcar – tosse;
- azeitona – pressão baixa;
- erva cidreira ou campim de beira de estrada – calmante;
- camomila – calmante e para clarear os cabelos;
- hortelã – reumatismo e calmante;
- flor de rosa – inflamação dos olhos;
- alface – para dormir;
- arruda – nevralgia e dor de dente;
- cravo – refriado, febre;
- folha de abacate – nevralgia, rins;
- folha de malva – cataplasma, febre;
- folha de bananeira – serve de gase para enfaixar a perna quando é machucada; ela é refrescante;
- folha cozida de batata doce – tumores e infecções;
- leite queimado – tosse.

Os chás são feitos em água fervente e nela colocados os ingredientes. Há quem coloque no fogo antes de abafar o chá, isto é, antes de tapar o recipiente.

Há, ainda, benzedeadas, que praticam certos atos, a fim de afugentar o mal, acabar com o quebranto (quebrante) e aliviar certas dores, principalmente as de cabeça.

Atualmente a Umbanda está ocupando o lugar das benzedeadas. As benzedeadas são bastante procuradas pelas pessoas que creem em seus trabalhos, a fim de serem retirados o "mal olhado", o "quebrante", a "inveja", etc.

"Dona Chiquinha", por exemplo, de Sousas, utiliza óleo e água. "Dona Santa", um copo de água potável, da qual, no final da "benção", serão ingeridos pelo "cliente" apenas três goles, sendo o restante da mesma atirada em água corrente.

Danças Folclóricas e Folguedos Folclóricos

A dança é uma manifestação folclórica, que possui letra (texto literário), música (melodia e ritmo) e coreografia. Tem como finalidade o divertimento ou a religiosidade.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

O folguedo folclórico é a antiga denominação de dança dramática, possui música, letra, coreografia e a parte teatral é representativa.

Na região encontramos dois folguedos folclóricos:

– O Boi Falô que acontece em Barão Geraldo, no mês de Agosto, anualmente, desde 1978.

– Congada que acontece em Joaquim Egídio, entre os meses de Junho e Agosto, anualmente, desde 1982.

7 – Superstição e Crendices

O homem sempre teve medo do desconhecido, por isso sempre se curva diante dele. Para livrar o mal, suavizá-lo ou até conservá-lo para que não fique atormentando, o homem passou a praticar certos atos que o levaram a se "sustentar" para não "cair" na maldição dos deuses, dos entes ocultos. Assim na região encontramos as seguintes práticas:

- bater na madeira;
- dizer "cruz credo";
- usar algo vermelho para livrar mau olhado;
- usar figas;
- ler horóscopos;
- não realizar negócios em sexta-feira 13;
- passar por debaixo de escada;
- passar por dentro de uma aliança um fio de cabelo, segurá-la dentro de meio copo com água e espera-la bater nas bordas do copo. O número de batidas é quantos anos faltam para se casar;
- na véspera de Santo Antonio é comum as mulheres colocarem em um prato fundo com água, papéis dobrados em quatro, cada um com o nome dos pretendentes desejados, deixando o prato ficar à noite no sereno e, quando amanhecer, um dos papéis deverá estar aberto indicando o nome da pessoa com quem irá casar.

Causo

O Pé de Avenca

Em entrevista com Dona Maria Mori, perguntei-lhe se por acaso ela tinha algum caso para me contar, e ela me relatou um fato bastante curioso.

Disse que há algum tempo ela tinha plantado um pé de avenca e o mesmo estava cada dia mais bonito.

Dona Rosa colocou o pé de avenca na sala num vaso bem bonitinho. Certo dia uma senhora foi até sua casa para comprar doce, olhou para a planta e disse: — “Que beleza de avenca! ! !”, E, no dia seguinte, a avenca estava morta.

Agora eu pergunto: Existe mau-olhado? Existem pessoas, com tais poderes? ? ?

8 — Religião e Sincretismo

Festa religioso-populares

— Pastoris do Menino Jesus

Local — Campinas;

Data — Agosto;

Periodicidade — Anual;

Descrição — ver livro Alta;

Alcance — Municipal.

— Festa de Santana

Local — Sousas;

Data — Última semana de Julho;

Periodicidade — Anual;

Descrição — Procissão. Missa à padroeira. Show sertanejo. Desfile de cavaleiros de Joaquim Egídio. Eleição da Rainha da festa;

Alcance — Regional e Existência — há 40 anos.

— Festa de São Roque e São Joaquim

Local — Joaquim Egídio;

Data — Agosto;

Periodicidade — Anual;

Descrição — Missa aos padroeiros. Festival pirotécnico. Procissão de andores. Quermesse;

Alcance — Regional e

Existência — Desde 1938.

— Procissão de Corpus Cristi

Local — Campinas;

Data — Quinta-Feira Santa;

Periodicidade — Anual;

Descrição — Procissão pelas ruas principais da cidade, que são enfeitadas formando tapetes, confeccionado por populares.

Alcance — Municipal e Existência — 1264 (Instituto pelo Papa Urbano II para a igreja universal. Em Campinas vem sendo comemorado praticamente desde a sua fundação).

— Folias de Reis do Guará

Local — Campinas;

Data — 6 de Janeiro;

Periodicidade — Anual;

Descrição — Jantar. Missa. Cantoria;

Alcance — Municipal e Existência — 1980.

— Festa de São Roque e São Joaquim

A festa de São Roque e São Joaquim, é realizada na segunda quinzena de Agosto em Joaquim Egídio. Surgiu de uma quermesse ao lado da Igreja, há cinquenta anos passados.

Seus freqüentadores são moradores das cidades circunvizinhas (Sousas, Campinas, Atibaia), havendo entretanto ônibus vindos especialmente do Rio de Janeiro, São Paulo e outras localidades.

A organização da festa é feita com quatro meses de antecedência, havendo na Comissão Organizadora mais ou menos quinze pessoas.

Na festa, 80% é feito pela sub-prefeitura, ou seja, é ela quem patrocina a armação das barracas, a iluminação, o transporte dos festeiros.

Neste período do ano, aumenta o número de visitantes em Joaquim Egídio, isso devido também à boa divulgação feita através de Rádio, TV, Jornais e Cartazes afixados em ônibus e outros lugares estratégicos da região.

A igreja participa ativamente, pois sua sobrevivência depende praticamente dessa festa. O Sr. Antonio Pechuti é o responsável pela parte espiritual (novena, missas, procissão).

Os Congadeiros abrem a procissão e participam dela. A congada consta de toadas e não de cantorias. Os foguetes são disparados atrás da igreja. Montam-se pirotecnias com formas diferentes. Castela, Margarida e Leque.

Em Sousas, um dos pontos turísticos da cidade (a cachoeira), é utilizada pelos umbandistas, para realizarem seus "trabalhos", onde fazem seus "despachos", à beira do rio, para estarem mais próximos de Iemanjá, sua Protetora.

— Folias de Reis nos Bairros de Campinas:¹

Registramos a presença de "Folias de Reis" em bairros de Campinas, não no Centro. Em São Fernando, Pompéia, Parque Industrial, Padre Manoel da Nóbrega e outros realizam-se estas Folias de Reis, tendo ainda como viga mestra toda parentada dos Faria, vindos de Caconde, e radicados aqui.

Aqui, os Farias, família de Caconde composta de numerosos membros, revive a Folia de Reis todos os anos. É natural que o cortejo de Reis que se realiza tenha se enriquecido de outros personagens, como Papai Noel, por exemplo, que não aparece no sertão. Personagens como os "palhaços" e o "Bastião" também não são encontradiços nas Folias do sertão mineiro. Mas o espírito da festa e sua intensão os mesmos: aqui e lá, os foliões querem homenagear o Menino Jesus, e reviver a jornada aventureira dos Reis Magos.

Festas do Divino de Campinas:²

Trata-se, porém, das festas que se realizavam em Campinas, há muitos anos ou mais expensas dos dois festeiros, apenas, que eram denominados Imperador e Imperatriz, escolhidos pela sorte, anualmente.

Quase sempre a coroa ia parar às mãos de gente abastada. E esta pouco se importava com os gastos que teria de fazer com as festividades, com tanto que elas se revestissem de muito brilho.

Houve uma que provocou de um roceiro esta original exclamação: "Festa como a deste ano, ainda não pisou em Campinas!"

A cidade, ainda pequena, ficava abarrotada de forasteiros procedentes de localidades vizinhas, atraídos pela fama das solenidades campineiras, não obstante a dificuldade que havia quanto ao transporte pessoal. Estava inaugurada a estrada de ferro de Jundiaí a Campinas e falava-se em projetos de outras.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Os chefes políticos locais não aspiravam subir além do fitão de Juiz de Paz, da cadeira de vereador ou, quando muito, um ou outro trabalhava para conquista de uma cadeira no seio da assembléia provincial.

O Brasil era governado pelo Imperador D. Pedro II, cercado de seus ministros, ora liberais, ora conservadores, pacificamente (após a guerra do Paraguai) e por unânime aclamação do povo, como seu perpétuo defensor.

Laços de toda a confiança ligavam as relações entre a lavoura e o comércio.

A simples recado do fazendeiro, trazido pelo pagem deste, escancaravam-se as gavetas do comerciante! A escravidão, como instituição legal, com as suas raízes seculares, aí estava como a coisa mais natural do mundo, havendo aos domingos, na praça da Matriz, exposição das "peças", desse triste mercado, em que eram vendidos homens, mulheres e crianças!..

Desde o dia em que se iniciava, na Matriz, o centenário do Divino, o movimento da cidade ia aumentando, visivelmente. Os banguês vinham das fazendas cheios de famílias e a gente da roça envergava a melhor fatiota para "vir festar" na villa, denominação por ela dada à freguesia, ou o capital.

Na véspera da festa costumavam os festeiros voltar as suas vistas para a pobreza, oferecendo-lhe uma parte altamente generosa da festividade.

Relativamente a um desses atos, sendo festeiros a Sra. Baronesa de Três Rios e seu cunhado Francisco Egydio de Souza Aranha, a **Gazeta de Campinas**, dando notícia a respeito, disse, entre outras palavras, o seguinte: "A porta do segundo reuniu-se pelas oito horas da manhã uma compacta multidão que se acotovelava por todos os lados. Eram os pobres, os engeitados da fortuna, os pequenos de todos os tempos, que não confundir-se entre os maiores nas horas do bôdo celeste. Aí lhes fizeram os dignos festeiros, que assim se compenetravam no verdadeiro espírito evangélico, a distribuição de oito a dez mil litros de feijão; de carne de dezoito rezes; e de grande quantidade de sal e lenha. Outrossim, o produto de todos os votos que durante a festa forem oferecidas, bem como o dinheiro que for tirado com a bandeira, etc, tudo terá idêntica aplicação.

Eis aí como se deve compreender sempre o culto religioso pela sua face mais bela: — "a caridade".

Essa festa aconteceu em 1874, na Igreja do Rosário, matriz provisória da Conceição, enquanto se esperava a conclusão da Matriz Nova.

Ao cair da tarde, quando as estrelas começavam a "pisca" na escuridão do firmamento, os sinos da matriz repicavam alegremente, anunciando a aproximação do dia festivo.

A essa hora começava uma espécie de romaria à casa do festeiro, para o cumprimento dos votos, ou promessas, um costume anti-quíssimo.

Homens, mulheres, moços e velhos, ricos e pobres, em grupos, passavam; uns carregando feixes de lenha sobre os ombros, outros levavam sobre a cabeça potes, barris ou pequenas bilhas com água, outros com velas de cera, retratos e muitos outros objetos, que os portadores entregavam ao festeiro, cumprindo seus votos.

No largo da igreja crepitavam enormes fogueiras de grossos tóros de lenha, e muitas casas particulares deitavam luminarias, enquanto a banda de música acompanhada de povo percorria as ruas indo findar a passeata na residência do "Imperador" que na ocasião oferecia um chá (sem ser dançante) aos amigos e mais aderentes.

Raiava, finalmente, a aurora do esperado dia, ao estrondo de baterias, aos repiques dos sinos e ao som da música que andava novamente, pelas ruas.

Poucas horas depois, realizava-se o bando precatório, um dos interessantes capítulos das solenidades. Nele somente figuravam os mordomos e mais gentes da "corte", homens, porém, e moços, todos corretamente encasacados. Ia na frente o "Imperador" ou o seu representante, empunhando a bandeira do Divino, toda de seda vermelha, com fitas pendentes do topo, onde se via uma pomba de prata, o símbolo do Espírito Santo. Seguiam-se a banda de música e a massa popular, sempre pronta a compartilhar do júbilo dos festeiros.

O bando percorria, solene e vagarosamente, as ruas, enquanto na frente, alguns, convidados também de casaca, iam, de casa em casa, angariando donativos que deitavam em sacolas de seda. Mais tarde vinha a missa cantada com toda a, magnificência do culto. O interior da matriz resplandecia pela ornamentação, entre sedas, veludos, flores e luzes, e ficava inteiramente cheio de fiéis, na maioria senhoras.

Daí a momentos chegavam o "Imperador" e a "Imperatriz" com a sua "Corte" luzida e numerosa, composta de moças (as mordomas) trajando, ricas "toilettes" e dos mordomos todos de casaca, com acompanhamento de música e povo e ao troar de salvas de baterias queimadas no largo. O "Imperador", às vezes, dava gente por si, para representá-lo quase sempre um filho menor. Este trajava casaca e calções de veludo

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

preto, sapatos de verniz, e conduzia o septro de prata. A "Imperatriz", era em certas ocasiões representada por uma jovem, entre menina e moça, vestida de seda branca, com um custoso manto de veludo azul marinho, bordado a ouro, arminhos na gola e refugente diadema cravejado de brilhantes, no alto do penteado. Conduzia ela a coroa, sobre uma salva de prata, rodeada das elegantes mordomas, todas ostentando jóias que cintilavam. Uma riqueza, que fascina!

A porta da igreja eram recebidos pelo vigário, devidamente paramentado de capa de asperges, sacerdotes e irmãos do Santíssimo, com as suas roupas vermelhas.

Seguiam por entre a multidão até os respectivos tronos que se achavam ricamente adornados e rodeados de altas jarras de flores, sob o arco de cruzeiro, em frente um do outro, de onde pudessem, eles, os forasteiros, ver e ser visto, facilmente por todos.

Acomodada a "corte" dava-se início à missa cantada, solene, com todo cerimonial, e com numerosa orquestra regida pelo maestro Sant'Anna Gomes. Ao ser entoado o "Glória in excelsis Deo", a orquestra rompia forte uma vibrante marcha obrigada a bombo e pratos — e, das tribunas da capela-mor eram soltas muitas pombas, de cujos pés pendiam fitas de cores ficando essas aves, durante muito tempo, a esvoaçar alto por toda a igreja.

Finda a missa cantada, organizava-se novamente o prestito "Imperial", a que se incorporavam o vigário, demais sacerdotes e autoridades, retirando-se todos com as mesmas formalidades da entrada.

Dirigiam-se ao "Império", que era um grande pavilhão levantado, quase sempre, no largo do Rosário, ou ficava instalado na própria residência do festeiro. Ali então, se procedia a distribuição das roscas, ou pão bento. As maiores, enfeitadas com fitas pendentes, destinavam-se ao vigário, às autoridades e aos "manda-chuvas" da cidade, as pequenas, despidas de enfeites eram entregues, indistintamente, ao povo que se espremia na rua, sob, um sol de rachar.

A tarde as ruas centrais se enchiam. A onda humana movia-se em todos os sentidos, num misto de sentimentos religiosos e profanos.

Saía, enfim, a imponente procissão com o mesmo aparato observado na missa: "O Imperador", a "Imperatriz" e a sua Corte. No meio da multidão ondulante vinham, caminhando em linhas laterais, as irmandades, muitos sacerdotes (os daqui, e os vindos de outras cidades), depois o custoso palio sob o qual era conduzido o S. S. Sacramento.

Fechava o prestito religioso, depois da música, uma companhia da Força Pública que montava a guarda de honra e prestava as continências devidas a esse ato solene da religião do Estado.

Destacava-se da procissão o belíssimo andor, de quatro faces, muito alto, adornado com verdadeiro capricho, dando a impressão de que havia sido todo ele feito de flocos de nuvens brancas, roscas e douradas, dentre as quais, em cima, circundando de flores e de raios fulgurantes, se havia, o símbolo do Divino, trabalho esse que foi mencionado pela imprensa local nas seguintes linhas: — “A procissão que à tarde percorreu diversas ruas foi acompanhada de muito povo e tornou-se notável a charola do Espírito Santo, pelo seu primoroso e elegante trabalho” (1873). A execução era devida ao hábil armador José Pinto Nunes, de respeitada memória.

A procissão recolhia-se à igreja ao toar de baterias estendidas em todo o comprimento do largo, em duas linhas paralelas, além de inúmeras girandolas de foguetes, fazendo lembrar esse barulho ensurdecedor, formidáveis descargas de fuzilaria e tiros de canhões, que se casavam com as harmonias da música.

Para finalizar as cerimônias do dia, havia o sorteio dos festeiros para o ano seguinte. Dava-se o ato no centro da capela-mor, que ficava apinhada tomando parte o vigário e outros sacerdotes e dois anjinhos da procissão. Este tinha a incumbência de retirar das urnas (que no caso eram de dois copos) os papezinhos que continham, uns, nomes de pessoas e, outros, a designação dos cargos ou das contribuições pecuniárias.

Proclamados os novos festeiros, retiniam as campainhas e os sinos, vibrava a música e a foguetaria estrondosa no ar. Pouco depois, comparecia a “nova majestade”, declarando aceitar a coroa do Divino, desvanecidamente. Seguia-se então a cerimônia de posse.

Os festeiros (o novo e o deposto, este ainda com a coroa) ajoelhavam-se nos degraus do presbitério e os sacerdotes, em dois grupos, todos de sobrepelizes, juntos do altar, entoavam esse hino suavíssimo de sublime humildade e de louvor à onipotência divina, intitulado “Magnificat” — cantando os versículos, alternadamente, até aquele que diz: “Abate os poderosos de seu assento e exalte os humildes”. Nesse momento o mestre de cerimônias, atenciosamente retirava a coroa das mãos do destituído dos poderes de “Imperador” e a entregava ao que acabava de ser escolhido pela corte. Rei morto, rei posto.

O festeiro empossado, entre amigos e admiradores, e felicitações de todos, era acompanhado até a sua residência, ao som da música e de foguetaria.

E o ex-“Imperador” findava a sua missão, oferecendo banquete, ou um vistoso fogo de artifício no largo da matriz, ou um ruidoso baile às mordomas e a todos que lhe haviam honrado a corte.

As festas desses tempos, que revestiam de verdadeiro esplendor o culto externo, atestavam não só os sentimentos religiosos dos nossos homens, como a riqueza que era um dos apregadores característicos de Campinas.” (Fevereiro — 1927).

Semana Santa de outros Tempos:³

Em outros tempos, os atos religiosos se efetuavam na matriz velha e também atraíam atenção, como se devem lembrar os sobreviventes dessas épocas distantes.

Vamos tentar reproduzir aqui alguns dos quadros desses tempos.

Muitos dias antes, no correr da semana anterior à festa começa a movimentar-se a então, pequena cidade. Famílias que chegavam, não só das fazendas do município, como das localidades vizinhas. Reabriam-se as habitações que, durante o correr do ano, se haviam conservado fechadas, como que em abandono.

As festividades eram famosas.

A matriz velha regorgitava de famílias em ricas “toilettes”.

Tomava parte ativa nos atos religiosos a Irmandade do S. S. Sacramento, a cuja frente se achava como diretor perpétuo um velho capitalista português, mas brasileiro por adoção, Antonio Francisco Guimarães, conhecido pela alcunhado O Bahia, um dos maiores benfeitores da Santa Casa.

Os dois provedores desta corporação, eleitos anualmente, eram os festeiros, às expensas dos quais se efetuavam as imponentes solenidades. Estes provedores eram sempre, homens abastados, fazendeiros, capitalistas ou comerciantes. As despesas com as festas atingiam nesses tempos a um oitavo ou mais contos de réis.

O serviço da música estava confiado à duas excelentes corporações: — o de banda era dirigido pelo saudoso Professor Azarias de Mello e o de orquestra pelo Maestro Sant’Anna Gomes, irmão do imortal autor do “Guarany” e, como este, grande artista.

Havia um sacerdote que durante muitos anos teve a seu cargo o sermão do Encontro: era o vigário de Indaiatuba, muitíssimo estimado por

seus paroquianos — padre Antonio Casimiro. E a razão de ser o preferido para esse sermão, fundava-se no fato de possuir uma voz forte, possante, que chegava com clareza aos ouvidos que estivessem mesmo a grande distância. Era o pregador popular por excelência.

A estima de seus paroquianos chegou ao ponto de fazer solenemente o sepultamento do seu cadáver debaixo do altar-mor da matriz.

O seu falecimento deu-se em outubro de 1884, por ocasião em que se realizavam festas naquela igreja. Não se querendo que tais solenidades fossem interrompidas pelos funerais, deixou-se o corpo do velho bondoso sacerdote insepulto durante quase três dias(!), conforme noticiou uma folha ituana.

Entre os sacerdotes que por vezes compareciam às cerimônias na Matriz Velha, figuravam vultos como os de Francisco de Paula Rodrigues, o insigne orador sagrado, Manoel Vicente, espírito eminentemente culto, Joaquim José Vieira, de bastante preparo intelectual que se ocultava na modéstia natural que caracterizava esse benfeitor dos pobres, e outros verdadeiros ornamentos do clero paulista, alguns dos quais foram elevados à catedral episcopal.

Muitos fazendeiros do município, impulsionados pelos sentimentos religiosos, enviavam no dia de Ramos, carradas de palmeiras, abundantes nas vizinhas matas, para distribuição aos fiéis.

Na igreja as palmas eram enfeitadas com ramalhetes de flores, especialmente aquelas que deviam ser oferecidas às autoridades, eclesiásticas e civis, e às muitas pessoas gradas que costumavam afluir ao templo. Havia palmas a rodo.

As palmeiras de troncos altos, esguios, em grande número eram pregadas nas paredes interiores do templo, que, assim adornado, oferecia um aspecto de verdejante floresta, em cujo fundo se erguia o Calvário iluminado.

A ornamentação do recinto, principalmente durante as solenidades de quinta-feira santa, transformava inteiramente a feição da velha igreja, graças ao gosto e à riqueza que apresentava. Este serviço estava a cargo de um armador, delicado, especializado no gênero, Sr. José Pinto Nunes.

O altar-mor, de alto e baixo, resplandecia, afogado em centenas de luzes, dispostas simetricamente, alinhadas, entrelaçamentos de veludos e de sedas e de flores polichromas, tudo em rigorosa observância da pompa e magnificência recomendadas pelas Igrejas nesse dia.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

À tarde, para a cerimônia do Lavapés, no corpo da igreja havia um largo e comprido estrado atapetado, onde se sentavam os doze pobres. Em frente, ostentava-se uma extensa mesa iluminada, coberta de branca toalha de finos bordados, sobre a qual rebrilhavam, entre custosos candelabros de prata, ricas baixelas também de prata.

Aos atos da Semana Santa imprimia incontestavelmente brilho a Guarda Nacional, composta de um esquadrão de cavalaria e um batalhão de infantaria. Oficiais e praças, em grande gala, trajando os da cavalaria fardas vermelhas (casaquinhas curtas) calças de cor azul cinzenta, altas barretinas com penachos também vermelhos. Os da infantaria, usavam fardas verde-escuro, barretinas pretas com penachos verdes.

A cavalaria montava guarda da quarta-feira de trevas à sexta-feira santa, até meio dia, quando era substituída pela infantaria, que fazia o serviço até o final da festa.

Uma parte das antigas festas, que desapareceu inteiramente, foi a que se denominava Aleluias. Consistia ela no seguinte: Nas tardes de sábado, domingo, segunda-feira de Páscoa, o vigário, revestido de sobre-peliz, estóla e barrete, acompanhado de acolytos, um dos quais ia na frente conduzindo um crucifixo, saía a percorrer a cidade. Visitava as casas, uma por uma, lançando-lhes a benção e aspergindo água benta sobre os moradores, que se sentiam desvanecidos pela piedosa visita e depositavam esportulas nas salvas de prata que os acolytos lhes apresentavam. O produto da coleta destinava-se a auxiliar o grupo de festeiros, embora estes tivessem recursos, de sobra. Era esse um costume antigo.

No sábado de Aleluia, a criançada se enchia de alegria, malhando o judas. A figura simbólica do traidor — um boneco de pano de tamanho natural, amarrado no alto de um mastro — era encontrado em quase todas as esquinas e praças, atraindo a vista dos transeuntes.

Ao repicar festivo dos sinos, ao estrugir da foguetaria, e ao troar das descargas dadas pelo batalhão de infantaria — estendido em linha em frente à Matriz Velha, os moleques, num alarido de ensurdecer, conseguiam arrancar o judas e, aos puxões, o reduziam a frangalhos.

As vezes havia dentro da cabeça do boneco uma vespeira. É fácil imaginar o formidável espanto daqueles pequenos, quando se partia a caixa "craneana", saindo, desesperadas, em chusma enormes vespas prisioneiras.

Não se podia, porém, esperar que saíssem belos ideais ou coisas mansas de uma cabeça (embora de pano) dentro da qual se haviam aninhado, muitos pensamentos cruéis... (Abril 1925)

9 – Usos e Costumes

Encontramos os usos e costumes abaixo relacionados:

a) casas – em alvenaria e tijolos com porta e janela, telhado duas águas, sala, quarto, cozinha, banheiro, algumas com banheiro do lado de fora.

b) Poço de água no fundo de quintais e até mesmo na frente da casa.

c) Meios de Transporte: carroça, cavalo, charrete.

d) Preferência do mês de Maio para o casamento – mês das noivas.

e) Comemoração da Páscoa.

f) Um tipo popular de Sousas, conhecido por “Lima”, o qual passa o dia fazendo “carretos”, ou seja, se oferece para carregar as compras das donas de casa, caixas de bebidas, e coisas assim, pedindo como resgate, algum dinheirinho, ou um prato de comida, ou uma “AMARELINHA” (pinga), dependendo de sua situação.

As crianças, principalmente na véspera do domingo de Páscoa, preparam seus ninhos e os colocam em lugares estratégicos, esperando que os coelhos venham “botar”.

É a maior surpresa e alegria quando no domingo acordam e encontram seus ninhos repletos de ovos, ao lado de suas camas.

Comidas e Bebidas Específicas:

– cabrito ao molho assado, arroz, maionese.

– vinho.

Música:

Coelhinho da Páscoa

Que trazes pra mim

Um ovo, dois ovos, três ovos assim

Um ovo, dois ovos, três ovos assim

Coelhinho da Páscoa

Que cor eles são

Azul, amarelo, vermelho também

Azul, amarelo, vermelho também

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

É costume consumir:

- ovos de pácoa — coloridos e de diversos tamanhos;
- lebrinhas de chocolate;
- cestas cheias de bombons e ovinhos;
- ninhos preparados em caixas de papelão, forrados com palha ou papéis coloridos picados.

Festa Junina

Comemora-se o onomástico de Santo Antônio, São João e São Pedro, durante o mês de Junho.

Comidas e Bebidas Específicas

– Bolo de fubá, pipoca, amendoim, pé-de-moleque, batata doce na brasa (fogueira), doce de abóbora, doce de batata rocha, paçoca, rapadura, churrasco;

- quentão, vinho quente, chá, chocolate quente.

Música e Dança:

- quadrilha
- instrumentos musicais: acordeão, violão, gaita.

– Músicas:

- “O Balão vai subindo”
- “Cai cai balão”
- “Chegou a hora da fogueira”
- “Capelinha de Melão”
- “João Pedro Antonio”
- “Pula Fogueira”

É costume fazer:

- balões — coloridos e de diversos tamanhos e formatos, como: caixa, almofada, zepelin;
- bandeirinhas coloridas;
- mastro com as figuras de São João, São Pedro e Santo

Antonio;

- fogueira;
- fogos de artifícios;
- vestuário caipira **para os rapazes** — calça e camisa com remendos e cores vivas, chapéu, cigarro de palha, lenço no pescoço e ma-

quilagem com folha queimada e **para as meninas** — saias ou vestidos bem rodados com estampas grandes e de cores vivas, meias três quarto, chapéus enfeitados com fitas e flores, tranças no cabelo, na maquilagem bastante rouge e pintas com lápis preto no rosto.

Há simpatias da época (Ver item 7, Superstições e Crendices).

g) **Natal** — festividade religiosa quando se comemora o nascimento de Jesus Cristo (mês de Dezembro).

Ano Novo — Dia 1º de Janeiro — Dia Mundial da Paz.

Comidas e Bebidas Específicos

— peru assado e enfeitado com frutas, salpicão de galinha, arroz, creme de frango, farofas doce e salgada, doces, torta doce ou bolo, frutas (ameixa, cereja, uva, pêssego, figo) e como não poderia deixar de ser as frutas natalinas (castanhas, nozes, avelãs, figo seco, tâmaras).

— vinho, champanhe, ponche, aperitivos.

Música e Dança:

— “Noite Feliz”, “Jingle Bell”, “Valsa da Despedida” e “Feliz Ano Novo”.

Arte e Artesanato Específicos:

— arranjos com velas, pinhas, trigo seco, flores e plantas (Bico de Papagaio, Sipreste), com frutas, com feltros coloridos, algodão entre outros.

Festa de São João⁴

Tanto na cidade como nas fazendas, em vésperas de S. João tudo mudava de figura exceto o trato sempre respeitoso, segundo as normas da verdadeira educação.

Não havia traje de rigor. As danças obedeciam a maior alegria, sem cerimônias. Divertia-se à grande, acrescentando-se outras marcas às quadrilhas. Tais eram o “Caminho da Roça”, — “Ahi vem a chuva”, — “Passeio”, — “Caramujo”, — “Túnel” e até o famoso “Miudinho” de repenicada memória.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Este "Miudinho", como tudo neste mundo tem sua história. Caiu, porém, a muito na vala das coisas esquecidas.

Veio de São Paulo, trazido por um, então, acadêmico de direito, Arthur Prado, depois bacharel em ciências jurídicas e sociais, deputado estadual, hoje velho, mas escorreito residente numa cidade vizinha da nossa Princesa D'Oeste.

O "Miudinho" era assim: Formava-se grande roda de moços e moças. Um daqueles que ficava no centro e a música como aos pulinhos, em repenicados, começava.

O rapaz (às vezes um velhote) ia se requebrando, com os braços levantados, castanholando, com os dedos polegares e máximos, num movimento que, na linguagem própria da roça, se chama puxar a fieira, dirigia-se uma das moças com a qual desejava dançar. Ela, acedendo, saía também se requebrando, "puxando a fieira", até o centro da sala, onde faziam ambos um tour, perdão, um volteio, retirando-se o rapaz. A dama continuava e ia tirar um par, com a mesma formalidade e sempre dançando ao som da música.

Assim prosseguia a diversão, até que o mestre-sala desse o sinal, batendo palmas. Estava terminando o "Miudinho".

Música⁵

Houve em Campinas uma época romântica que perdurou até fins do primeiro quartel do século. Romantismo nas letras e no jornalismo. Romantismo na música, nos costumes, no meio ambiente e pitoresco da cidade pequenina, pobre e orgulhosa. Romantismo até nos modos de uma pessoa se deixar levar ao léu da vida.

Esse tempo também o foi das serenatas de violinos, flauta, violão e cavaquinho — o quarteto romântico por excelência das serenatas, fixado um dia pelo inesquecível J. Carlos —, acontecendo, por vezes, de ao invés da flauta completar o quarteto uma clarineta ou um saxofone de voz aveludada.

Mais uma vez nos propusemos a alinhar uns retalhos de memória da Campinas que mergulhou no passado. Convém, antes do mais, bosquejar a largos traços o que foi a cidade naquela época.

Embora escoados já os primeiros dez anos do século vinte, Campinas, tida e havida como republicana histórica, prosseguia modorrenta em meio ao pobre cenário que fora o do seu passado imperial de 1800 e

tantos. Era uma cidade de casario baixo e esparramado, com as suas muitas janelas de espiar procissão e os compridos quintais cercados de taipa, onde o verde dos pomares se pintalgava no outono com a variedade, de seus frutos.

Os poucos sobrados existentes não se elevavam mais que a dois ou três andares, com os balcões centrais protegidos de floreado gradil de ferro, sobre o qual se debruçavam os familiares todos da casa, quando dos imponentes desfiles religiosos, quando não dos arrebicados carros alegóricos carnavalescos.

Nessa Campinas, dentre os muitos largos e praças existentes, se destacavam como logradouros lindamente ajardinados, o Largo do Rosário, mais central, com as suas frondosas árvores, cujos bancos eram um convite ao ócio e até ao sono para os inativos mesmo com o sol a pino; o Jardim Público ou Praça Imprensa Fluminense com sua famosa gruta dos namorados; e o Largo do Pará, vulgarmente conhecido e chamado de Tanquinho. Quanto ao Largo Carlos Gomes não passava, na época, de feio e sujo terreno baldio, apesar do bonito adorno de suas palmeiras imperiais. O que lhe dava algo de pitoresco, como praça das mais antigas, era uma bica ou chafariz, mais para o lado da rua General Osório, em torno da qual se atarefavam, as lavadeiras. De quando em quando, no canto da esquina, Irmã-Serafina-Conceição, se arranchava um circo, cuja principal atração era a "Guerra de Canudos" como pantomima tragicômica. Mesmo assim, grande parte da futura Praça Carlos Gomes se atravancava de lixo.

Até alí por meados de 1912, pelas ruas estreitas de Campinas trafegavam bulhentos bondinhos de burro, enquanto as suas noites eram alumadas por lampeões de gás, que pinchavam borrões de claridade azul-violeta.

Por sobre o todo panorâmico da cidade, naquele tempo, avultava o templo da Catedral e, mais na baixada, o penacho verde das soberbas palmeiras imperiais.

Assim era a "Princesa D'Oeste" nos tempos quando os derradeiros estertores do romantismo em cujas tardes de horizonte alaranjado pelo crepúsculo do céu se pontilhava com milhares de andorinhas em revoadas e as noites de sábados eram embaladas pelas, acariciantes melodias de serenatas. A década de 1920 a 1930 marcou o derradeiro ciclo das serenatas em Campinas, quando os músicos executantes dos mais variados instrumentos se contavam às centenas. Daí a facilidade com que Jorge Whitemann, secundado pelo maestro Salvador Bove, fundou e organizou o conjunto da excelente Sinfônica Campineira. O que muito contribuiu, para

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

a criação da Sinfônica Campineira, foi o treino obrigatório dos músicos nas orquestras do cinema mudo, cujo repertório se constituía, a maior parte, de composições dos mais festejados mestres das mais variadas escolas.

Quanto aos serenatistas, músicos de bailes, festinhas familiares, nem todos se engajavam nas orquestras, dada a dificuldade na leitura de primeira vista das partituras. Formava então esses músicos, seus próprios conjuntos, de violinos, flautas ou clarinetas, violão e cavaquinho.

Natal⁶

A festa de Natal, no tempo em que Campinas não passava de uma pequena povoação com fumaças de cidade, de costumes simples; que não sonhava, sequer, com a vertigem dos melhoramentos materiais de nossos dias, nem com o desmoronamento desses hábitos severos, altamente moralizantes, patriarcais, a festa do Natal constituía uma das que mais atraíam a atenção, não só dos devotos, como da população em geral.

A matriz velha, já matriz de Santa Cruz, adornava-se de galas, resplandecia de sedas, de dourados, de flores e de luzes; principalmente o altar-mor, com respectivo trono, em cujo cimo se ostentava, ricamente enfeitado, o tabernáculo, onde por ocasião das grandes solenidades, era exposto à adoração dos fiéis o S. S. Sacramento, em custódia.

As harmonias festivas da orquestra Sant'Anna Gomes, enchem os ambiente sagrado; o órgão desprendida acordes e melodias de júbilo, envolvendo os cânticos das diversas vozes argentinas que entoavam hinos em homenagem ao suave episódio histórico de que brotou, consoladoramente, a puríssima doutrina.

"Glória in excelsis Deo!" entoavam à meia noite, o sacerdote celebrante, com voz clara e forte, repetindo o louvor e a adoração à onipotência, divina.

Havia entre os velhos costumes das famílias, o de presentearem reciprocamente, por ocasião do Natal. E os presentes constituíam em bandejas, saborosas de frutas, deliciosos doces em compoteiras, bolos finíssimos, em grandes pratos, enfeitados com papel de seda, flores, etc.

Na noite do Natal desses tempos, a população não dormia, à espera da hora da missa do galo. E os sinos todos repicavam festivamente, em sinal de júbilo, como diz um escritor sacro, "porque essa foi a hora que os anjos cantavam esse hino que anunciou o nascimento de Jesus".

No largo da matriz, quebrava a escuridão da noite o clarão de grandes e creptantes fogueiras; inúmeros foguetes subiam, estrungindo nos ares, e as baterias troavam, repercutindo além dos ecos da estrondosa descarga.

O contentamento e o respeito, dentro da igreja, se identificavam em todos os fiéis reunidos na memorável noite para glorificarem o nome de Deus! Um verdadeiro céu aberto para os devotos.

A Guarda Nacional, às vezes, comparecia com seus agaloados, e com vistosos penachos nas barretinas; montava a guarda nas portas do templo.

Em frente à matriz, no largo, viam-se quitadeiras sentadas junto de seus tabuleiros, cada um dos quais, com a sua lanterna, com vela acesa ostentando os pés de moleques e outros doces secos, ao lado de empadinhas que se amontoavam, apetitosas, sobre a brancura da toalha. Este capítulo, parte integrante, das festas em que o povo gozava de se fartar, desapareceu do cenário local, há muito tempo. Os tabuleiros eram o enlevo da criançada.

Entretinham-se muitas famílias, umas reunindo em suas casas pessoas de suas relações para ceias suculentas, cujos pratos fumegavam, sobre as mesas, aromas de fazerem encher de água as bocas dos gastrólatras; outras, matavam o tempo improvisando "soiréis" dançantes em que predominavam, os lanceiros, as schotisks e polkas, ao som de pequeninas orquestras — dois ou três violinos tendo por acompanhamento o violão, repinicado.

Após a missa cantada, havia na matriz a exposição do presépio, cuidadosamente erguido lateralmente aos degraus do presbítero. Durante a adoração dos fiéis que vinham depor o ósculo reverente na imagem do menino Jesus, ouviam-se no coro, cânticos entoados por meninos, acompanhados de harmonia.

E os pequenos cantores, cujos sentimentos religiosos desabrochavam aos exemplos do lar, à luz da crença de seus maiores, cantavam duetos, composições singelas, trovas populares, cheias de suave e natural poesia, que constituíam uma das mais atraentes partes da festa.

Entre muitos versos que eram ouvidos no festivo momento, havia os seguintes que, se não representavam primores da literatura indígena, encerram, todavia, puríssima essência do sentimento cristão. Era um hino muito popularizado em todo interior de São Paulo e Minas, de onde vieram trazidos, carinhosamente, por uma devota. Diziam eles:

Vinde pastores e anjos
 Querubins e toda gente,
 Adorar um Deus-menino,
 À um Deus onipotente

(Dezembro, 1926).

Casamentos⁷

Alguns dos costumes antigos, ou quase todos no tocante às manifestações de júbilo por ocasião, dos enlaces matrimoniais, floresceram e desapareceram. A civilização e o progresso nos trouxeram outros entre os aplausos dos modernos povos que acompanham a evolução mundial.

Naquelas priscas eras que bem longe, vão, acontecia haver contratos de casamentos que eram fechados entre os pais e noivos, sem conhecimento destes, que só ficavam sabedores do caso quando lhes arrebentava a bomba da notícia.

Noivos houve que se conheceram, ou se viram, somente no dia da cerimônia nupcial.

O dia de um casamento na cidade era de grande azáfama em casa da noiva, principalmente. As ordens à engomadeira, à doceira, à cozinheira, choviam uma sobre as outras, para que ativassem o serviço, todo executado por escravas prestimosas.

O casamento seria à tarde e quando o aparatoso cortejo voltasse da igreja (não se sonhava ainda com a lei do casamento civil) o jantar ou o banquete, deveria estar pronto para ser posto à mesa. As escravas, umas passavam as saias brancas e os vestidos das moças, outras escovavam sobrecasacas pretas, outras colocavam doces na compoteira e nos pratos e, na cozinha, estavam sendo cuidadosamente preparados os frangos, os perus, os leitões à mesa. Ruidosa atividade, enquanto o relógio ia medindo as horas. Chegava por fim o esperado momento em que os noivos teriam de ir à igreja, afim de serem ligados pelas sacramentais palavras: Ego vos conjungo in matrimonium.

A casa, ornada de flores e cortinas, estava cheia de senhoras e cavalheiros, moços e velhos, das principais famílias.

Abria o prestito, na frente, a noiva, rico vestido de cauda longa, véu e grinalda de flores de laranjeiras, destacando-se o seu vulto

todo de branco, dentre as cores variadas das outras toilette. Ia de braço dado com o padrinho.

A seguir, o noivo, também de braço dado com o padrinho, vindo depois o acompanhamento formado de pares — cavalheiros e damas — a dois de fundos. E desta forma o cortejo caminhava a passos vagarosos, solenes até a igreja, passando entre alas de curiosos populares, que, enlevados, contemplavam aquele quadro festivo.

À porta do templo estacionava a banda de música que, à chegada do prestíto. Rompia uma festiva marcha, que se prolongava até na igreja o último par. Ocasões havia em que, além da música, estrungiam foguetes.

Celebrado o ato religioso, com grande pompa, depois dos abraços do estilo, voltava o pessoal todo para casa, com a mesma soleinidade. Ali, estava a banda de música e de novo enchia o ambiente de harmonias vibrantes.

Pouco depois, quando não se dava baile, começava o banquete na varanda (sala de jantar) onde almejava, extensa mesa, sobre a qual, não raro, se via rebrilhando rica baixela de prata antiga. As iguarias desprendiam apetitosos aromas: arroz de forno, frangos assados, pernis recheados, ao lado, em compridas "travessas", saborosas piraicanjubaras com molho. Uma promiscuidade usada, geralmente.

Garrafas de vinho tinto Lisboa, do Porto e Moscatel de Setúbal, estendiam-se enfileiradas. Este último destinava-se às senhoras.

Não se conhecia o nosso cardápio, e nem o "menu" francês.

Colocamos os recém-casados no topo da mesa, sentavam-se todos indistintamente. Começava o banquete pela sopa de macarrão, no meio do murmúrio entre dentes e do tilintar de colheres nos pratos.

Todos tratavam de dar serviço ao estômago. A medida que a hora se escoava, uma alegria saía se espalhando na sala, entre sorrisos corteses.

Não havia observância de etiqueta, quanto ao momento apropriado dos brindes, pela simples razão de que era isso um particular desconhecido nesta terra, dando lugar a que certa vez um dos convivas, impulsionado pelo entusiasmo, quando ainda se servia a sopa, se erguesse como vivo, de cálice em punho, e com toda ênfase trovejaste:

— "Senhores, um brinde que ainda não foi feito! A "saúde dos noivos"! Era ele o primeiro...

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

As saudações brotavam à direita e à esquerda, até que se fazia uma (felizmente sem discurso) que provocava ruidosa manifestação de júbilo.

— Saudemos o novo casal, para que seja muito feliz durante toda sua vida! reclamavam um dos moços desembaraçados, erguendo seu cálice.

— Bravos! Bravos! brandavam todos em Coro, entre hipes, hipes hurras e palmas.

— Esta tem de ser cantada! gritava uma voz.

Era o chic. Lembravam-se nomes para o desempenho do meticoloso encargo. Havia escusas e hesitações. Por fim, um dos moços mais decididos e desembaraçado aceitava a tarefa.

Erguia-se da cadeira, tossia, pigarreava e, alvo da atenção geral, com voz compassada e forte e, mais ou menos desafinada, entoava:

Caros Amigos.
Um Brinde feito,
Reine alegria
Em "nossos" peito.

A rima impecável sacrificava a concordância gramatical. Podia ser pior...

Seguia-se outra quadra, com música diferente, mais viva:

O grato licor
Alegre e jocundo,
Que a todo este mundo
Desafia amor!
Ainda outra música alegre e um tanto marcial:
Bebamos, amigos, bebamos,
Que a festa assim nos convida
E até com risco de vida
Viva a coisa proibida.

Os Cemitérios⁸

Então já dissipados os ecos do movimento popular observados não só na cidade, como nos cemitérios, no dia consagrado oficialmente à comemoração dos Mortos. As fúnebres moradas — "Saudade" (ex-Fundão),

da Irmandade do S. S. Sacramento, da Venerável Ordem Terceira do Carmo (antigo da Irmandade do Santíssimo de Santa Cruz) e o cemitério denominado das Almas, ficaram naquela data, com a maioria de seus inúmeros túmulos adornados de flores de vivos e variegados matizes, com aspecto festivo, atenuando a idéia da profunda tristeza que tais lugares despertam.

As ruas, muito limpas, que se cruzam por entre as sepulturas conservaram-se durante quase todo o dia repletas de visitantes, cheias de vozes murmurantes, quebrando-se, de tal modo, aquela paz tranqüila dos dias comuns.

Já existia nesta paragem "um cemitério bento, como afirma o Livro do Tombo, para sepulturas dos fiéis, e que fora concedido por ser notoriamente dificultoso o recurso à sua Matriz, pois não dista menos de dez léguas".

Nada se sabe, porém, quanto ao local em que se achava essa primeira morada dos mortos, desta terra. Nenhum documento encontramos que aclare o caso. Quando, em 1797, foi a freguesia elevada a Vila, com a denominação de São Carlos, já existia a nova matriz (atual de Santa Cruz) "construída toda de taipas socadas a pilão e coberta de telhas", como consta do aludido Livro do Tombo e foi publicado pelo estimado escritor conterrâneo Benedicto Octavio. O cemitério, diz a tradição, ficou sendo no próprio largo da igreja, em toda a sua extensão, para as pessoas do povo, propriamente. Os vultos de destaque social seriam sepultados dentro da matriz. O costume de sepulturas no interior da Matriz Velha, prolongou-se, até o ano de 1846. Por ocasião de serem abertos os alicerces para a construção da torre que fica faceando com a rua do Sacramento, foram ali encontrados pelos operários crânios e outros ossos humanos, pertencentes, certamente, outr'ora, a vultos respeitáveis da sociedade campineira. Houve um outro local, por esses tempos, onde se efetuavam inumações de pessoas de representação social: — foi o jazigo que, durante anos, existiu no ponto em que se acha a igreja de São Benedicto. Pertencia a um sacerdote, cônego da Sé de São Paulo — Melchior Fernandes Nunes de Camargo, que ali foi sepultado.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Havia também um cemitério, no largo lateral daquele jazigo, destinado aos cadáveres dos escravos, e que se denominava — “Cemitério dos Captivos”. Há uns trinta anos passados as enxurradas se encarregaram de descobrir, na superfície do solo, muitos ossos pulverizados, delineando perfeitamente a forma dos esqueletos, o que despertava a atenção dos transeuntes.

Do largo da Matriz, passaram os enterramentos a ser feitos em uma nova necrópole que ocupava grande parte da quadra, devidamente murada, em que, mais tarde, foi construído o sobrado que veio a pertencer ao respeitável e saudoso conterrâneo Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, à praça do Rosário (Visconde de Indaiatuba). Ali foi feito o serviço de enterramento durante muito tempo, até que, pela natural expansão do meio social e pela exigüidade do terreno, a Câmara teve que procurar um outro local que ficasse distante do centro urbano.

Foi, então, escolhido o que fica na esplanada, a cavaleiro da cidade, para as bandas da estrada de Itu, em cujas proximidades, muitos anos depois (1870) veio a Companhia Paulista assentar as suas edificações. Nesse ponto foram construídos a princípio, três cemitérios — o municipal, o da Irmandade das Almas (dividido daquele por uma taipa encimada por alto gradil de ferro) e o dos Protestantes ou dos Acatólicos cujo terreno foi adquirido posteriormente pela Companhia Paulista.

No das Almas havia junto do muro divisório, em toda extensão, uma linha de carneiros, em forma de “gavetões”, como se dizia, destinados aos restos mortais dos abastados ou de pessoas representativas.

Em 1861 a Irmanandade do S. S. Sacramento obteve permissão para construir um cemitério destinado aos respectivos irmãos. Ficou este nas proximidades da atual passagem da estrada de ferro Paulista, ou porteira do “Capivara”, no extremo da rua Cônego Cipião, do lado mais alto do terreno. As mencionadas moradas dos mortos funcionaram até o ano de 1880, ficando então fechadas, o que deu lugar a que sacrílegos ladrões, uma certa noite, penetrassem no cemitério das Almas e arrombassem todos os carneiros, resolvessem os despojos mortais ali

colocados e espalhassem promiscuamente pelo solo os ossos encontrados! Procuravam, como é de se supor, encontrar jóias, ou outros quaisquer objetos de valor.

Antes, porém de fechados aqueles 4 cemitérios, que ficavam "muito distante da cidade", a Companhia Paulista argumentava e desenvolvia as suas construções, na vizinhança e o bairro crescia a olhos vistos. Nesse tempo a cidade não passava além da rua de S. João (Visconde do Rio Branco). Os prestitos fúnebres subiam pela rua da Constituição (Costa Aguiar) até aquela primeira rua, entrando depois, em plano descampado, por um trilho, à esquerda, que ia ter no portão do cemitério municipal.

Achavam-se assim as coisas, nesta situação, impressionando a municipalidade.

Urgia que se resolvesse o problema. E, para esse fim, isto em uma de suas sessões, constituiu ela uma comissão especial para estudar a matéria, isto é, escolher um lugar nos arredores da cidade, apropriado para o fim que se tinha em vista: — um novo cemitério.

10 — Eventos

Os eventos característicos populares encontrados na região foram:

a) Festa do Peão Boiadeiro de Paulínia, acontece no mês de junho, anualmente, desde 1983.

b) Carnaval de Rua e Salão de Campinas, acontece geralmente no mês de fevereiro, anualmente e com responsabilidade de organização da Prefeitura, desde 1974. Promove bailes populares, desfile de rua das Escolas de Samba e eleição do Rei Momo e da Rainha do Carnaval.

c) Semana do Folclore em Campinas, acontece no mês de agosto próximo ao dia 22, anualmente, desde 1965, com programações durante toda a semana em vários locais da cidade, principalmente em Escolas de 1º grau com danças de grupos folclóricos, exposições, seminários, palestras e gastronomia.

d) Exposição Folclórica de Sousas, acontece no mês de agosto, anualmente, desde 1971, no Ginásio Estadual de Sousas, com objetos coletados na própria cidade, pelos alunos.

Carnaval⁹

Organizava-se uma diretoria executiva dos folguedos, que recebia os nomes das pessoas que deviam tomar parte no Congresso, as quais recebiam cartões com o número correspondente à inscrição, pagando cada uma cinco mil réis, com direito à passeata e aos bailes no Teatro S. Carlos.

Moço que se prezasse e que se julgasse elegante, não deixaria de se inscrever. A mocidade em peso, se fantasiava.

Somente eram admitidos no prestito os representantes do sexo forte. Mulher à fantasia, em pleno público, à luz meridiana, não era coisa que se permitia.

Nas três tardes, ao estrugir de foguetes, partia do Largo da Capela Santa Cruz, (Praça XV de Novembro) o extenso prestito carnavalesco, extenso e rumoroso, na ordem seguinte: Cavalheiros em ala, a dois de fundo, carros adornados, de qualquer estilo, a um de fundo, e máscaras a pé.

Na frente quatro soldados da Guarda Nacional, a cavalo, e outros quatro retaguardando, como escoltas de proteção. Itinerário: rua da Ponte (Major Solon), Comércio (Dr. Quirino), Pórtico (Ferreira Penteado), até a Direita (Barão de Jaguará) por esta à Rua da Matriz Velha (Barreto Leme), Rosário (Francisco Glicério), Campinas Velhas (Dr. Moraes Salles), Reg. Feijó até de novo à da Matriz Velha, Rua de Baixo (Lusitana) Pórtico, Direita, Largo do Rosário (Visc, de Indaiatuba), Bom Jesus (Campos Salles), Deser (Alvares Machado), Constituição (Costa Aguiar), até Largo do Teatro (Ruy Barbosa).

As janelas em grande parte embandeiradas, ficavam apinhadas de senhoras e moças solteiras. Nas ruas grupos esparsos, aqui e ali. Os mascarados durante o percurso trocavam ramalhetes de flores artificiais com as moças. Cada um levava, pendurado no braço, a sua cesta repleta, para a graciosa permuta.

Os rapazes ricos faziam-se acompanhar de pagens (de sobre-casaca e chapéu cartola) que conduziam as cestas e também uma vara comprida enfeitada de fitas, com uma lança de metal na ponta, destinada à

troca das flores, nos sobrados. Cada qual procurava atrair a atenção do belo sexo, principalmente os que ali tinham suas prediletas.

Os cavalos em que iam montados, gordos, luzidios, eram vistosamente ajaezados de fitas multicores, nas crinas do pescoço e da cauda, com voltas de guizos inúmeros, presos, junto as patas. Os trajes dos máscaras, em grande número, constavam de fantasia de seda ou veludo, cores vivas, despertando a atenção pelo brilho e riqueza. Havia também os característicos, alegóricos, ou de "troça" com assuntos locais. Não se ouvia senão um guizalhar ensurdecador, de mistura com as vozes rouquenhas, ou falsete, dos máscaras e com marchas alegres e tangos saltitantes das bandas de música.

De quando em vez surgia uma ou outra "idéia" que fazia rebrantar risadas e palmas e, às vezes, algum "rolo".

Havia a Sociedade Recreio Juvenil (meninos), União e Progresso (rapazes do comércio), e Clube Semanal, a de maior representação. Quatro bandas de música davam realce às festas: a de Santa Cruz (amadores, composta de negociantes do bairro), a Philorphenica (moços do comércio) e uma de meninos.

Umam iam de carros e outras estacionavam em coretos nas praças, por onde desfilavam os máscaras.

Além dessas corporações, outras havia, em fazendas agrícolas, tais como as dos comendadores Teixeira Villela, Joaquim Polycarpo Aranha e Manuel Carlos Aranha (os dois últimos, mais tarde, barões de Itapura e de Anhumas). Compunham-se de escravos.

Na tarde do último dia, terça-feira, depois do percurso costumeiro, havia novo desfile pelas ruas centrais, em despedida, no meio de um berreiro dos máscaras, fingindo choro e lamentações, enquanto a música ia "chorando" também uma peça em tom menor, acompanhando o "sentir" dos mascarados. Não havia mais troca de flores. Uma originalidade a que assistiam lacrimejantes as avós das leitoras da **Gazeta**.

À noite, a escuridão das ruas era quebrada aqui e ali pelas luminárias nos prédios e nos coretos, por meio de globos de vidro, lanternas ou copinhos de cores. Desse costume ainda existem vestígios em velhas casas, em cujas janelas, ou sacadas de sobrados, se conservam os ganchos de ferro em que se penduravam tais luminárias festivas.

Os bailes "maqués" realizavam-se os mais concorridos, no centro S. Carlos, cuja platéia era nivelada ao palco, transformando-se em vasto salão, iluminado a querosene e mais tarde a gás. Nos camarotes enfeitados,

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

famílias se apresentam a assistir aquela alegre expansão da mocidade, que se não excedia em suas danças saracoteadas.

O estrudo, então, reinava descabeladamente, com o seu cortejo de laranjinhas de cera (limões de cheiro, como lhes chamavam), de seringas de folhas de Flandres, bacias, barris, baldes, bombas de jardins e, por último, do banho. Não possuíamos ainda o serviço de águas e esgotos.

Senhoras saíam às ruas, onde se travavam renhidos combates, em que elas figuravam valente e vantajosamente. Às vezes agarravam um pobre mortal, pessoa conhecida, já se vê, conduziam-no para o interior da casa e, obrigavam a sentar-se em grande bacia onde o infeliz recebia sobre a cabeça alguns barris de água, tudo no meio de grande alarido, ficando a vítima "ainda muito agradecida" pela refrigerante gentileza!

Certa vez, o coronel Joaquim Quirino, que possuía um gênio folgazão, quanto eram elevados os seus sentimentos de caridade, de benevolência, de civismo e de justiça, comandava um grupo de rapazes, em plena rua do Comércio, recrutando, dizia, transeuntes, para irem refrescar as idéias no banheiro.

Acertou de passar um cavalheiro que não gostava de tais brincadeiras, e nem contava com aquele violento encontro. Agarraram-no. Ele protestou, procurando desesperadamente desvencilhar-se. Irritou-se e por fim, sacou de um revólver. Alvorçou-se então a vespeira!

Chegaram-se-lhe todos e, no exercício do supremo direito da força, arrebatarem-lhe a arma. Teve que passar pelas forças caudinas: — foi ao banho!

Quando voltou, ensoado dos pés à cabeça, a tremer, achou melhor rir da peça que lhe haviam pregado e aderiu ao batalhão do coronel, entrando, como os outros, a recrutar transeuntes.

Tudo passou, e, em vez dessas manifestações risonhas, simples e inocentes, aí está o progresso com o fantástico movimento de novidades, imprimindo moderno aspecto às cidades e alterando inteiramente os costumes.

O que, porém, não se pode negar, é que os moços de então, de acordo com o meio e com a época, divertiam-se a valer; não deixando, entretanto, de seguir, cuidadosamente, o caminho do dever e não se esquecendo jamais das obrigações sérias da vida... (fevereiro 1925).

Em João Lanaro — "Tipos populares — fisionomia da cidade", encontramos um muito conhecido folião — o Zé Trovão. A par de todas as suas atividades, Zé Trovão sempre se mostrou grande folião carnavalesco,

sendo célebre a sua coleção de fantasias, algumas delas merecedoras de prêmios, tal como a de "gala", de "noiva" e outras tantas.

Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos de Campinas

Nome da escola: G. R. Escola de Samba Acadêmicos de Madureira

Presidente: José Roberto de Paula

Local de ensaio: Praça de Esportes do São Bernardo

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: José Roberto de Paula; **endereço:** R. João Batista Morato de Canto, 993, São Bernardo e **telefone:** 8-3625 (recados)

Nome da escola: G. C. R. Escola de Samba Rosa de Prata

Presidente: Rubens dos Santos

Local de ensaio: Centro Social da Vila Castelo Branco

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Rubens dos Santos; **endereço:** R. Colléchio, 7, Vila Castelo Branco e **telefone:** 47-9754 (comercial)

Nome da escola: G. R. Escola de Samba Batutas do Samba

Presidente: Jair Lopes

Local de ensaio: Centro Social II, Vila Padre Anchieta

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Jair Lopes, **endereço:** R. Barreiras, 110, Ponte Preta e **telefone:** não tem

Nome da escola: G. R. Escola de Samba Renascença

Presidente: Aguinaldo Angelo Lorenzi

Local de ensaio: Ponto final do ônibus da Vila 31 de Março

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Aguinaldo Angelo Lorenzi; **endereço:** R. Otávio Machado, 304 Taquaral e **telefone:** 52-12-47 (comercial)

Nome da escola: Centro de Culturas, Ciências e Comunidade Escola de Samba das Artes Negras do Quilombo dos Palmares

Presidente: Paulo Roberto Felizardo

Local de ensaio: Praça de Esportes Edgard Ariane

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Elemento para contato: nome: Paulo Roberto Felizardo; **endereço:** R. Pereira, 70, Chácara da Barra e **telefone:** não tem

Nome da escola: G. R. Escola de Samba Unidos do Grajaúna da Vila Georgina

Presidente: Wilson Aparecido Avelino

Local de ensaio: Final da Rua Jaime de Carvalho, Praça da Vila Georgina

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Wilson Aparecido Avelino; **endereço:** R. Henrique Husseman, 81, Guanabara e **telefone:** 2-3799

Nome da escola: Escola de Samba Muleke Travesso

Presidente: Percy Camillo

Local de ensaio: Ginásio do Perseu Leite de Barros

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Percy Camillo; **endereço:** R. Ernesto Alves Filho, 220, Jardim Campos Elíseos e **telefone:** não tem.

Nome da escola: G. R. Escola de Samba Mocidade Independente

Presidente: Edgard de Souza

Local de ensaio: R. Papa Sérgio, 75, Nova Aparecida

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Edgard de Souza; **endereço:** R. Papa Sérgio, 75, Nova Aparecida e **telefone:** 32-1394 (recados)

Nome da escola: E. S. Unidos da Vila Rica;

Presidente: Adilson de Moraes

Local de ensaio: R. Antimonio, 26, Vila Rica

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Adilson de Moraes; **endereço:** R. Silvio Holebergue, 287, Vila Rica e **telefone:** não tem.

Nome da escola: E. S. Grêmio Recreativo Unidos dos Amaraís Superbrasil

Presidente: Daniel Garcia

Local de ensaio: R. Reinaldo Boliger, s/nº

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Daniel Garcia; **endereço:** R. Olivio Manuel de Camargo, 196, Santa Mônica; **telefone:** não tem

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Nome da escola: Escola de Samba Estrela D'Alva
Presidente: Sebastião de Jesus da Veiga
Local de ensaio: Praça Liberato de Moraes
Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério
Elemento para contato: nome: Sebastião de Jesus Veiga; **endereço:** R. dos Guainumbis, 691, Vila Costa e Silva e **telefone:** 8-1717 (comercial)

Nome da escola: Escola de Samba Princesa D'Oeste
Presidente: Walter Benedito da Costa
Local de ensaio: R. Alagoas, 80, São Bernardo
Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério
Elemento para contato: nome: Walter Benedito da Costa; **endereço:** R. Forno, 240, Vila Castelo Branco e **telefone:** 8-6161, ramal 295 (comercial)

Nome da escola: Escola de Samba Marquês do Sapucaí
Presidente: Edson Garcia
Local de ensaio: Praça Guido Segalio, Vila Industrial
Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério
Elemento para contato: nome: Edson Garcia; **endereço:** Rua 1, nº 40, Jardim Minesota, Sumaré e **telefone:** não tem

Nome da escola: Escola de Samba Astronautas do Samba
Presidente: Edson José Leite Penteadado
Local de ensaio: Serra da Boa Vista, 406, Jardim Parapanema

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério
Elemento para contato: nome: Edson Leite Penteadado; **endereço:** R. Serra do Umbuzeiro, 259, Jardim São Bernardo e **telefone:** não tem

Nome da escola: G. R. Escola de Samba Sabiá
Presidente: Natal Aparecido Galassi
Local de ensaio: R. Engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza, 3465, Jardim São Vicente

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério
Elemento para contato: nome: Natal Aparecido Galassi; **endereço:** R. Engº Antonio Francisco de Paula Souza, 3465, Jardim São Vicente e **telefone:** não tem

Nome da escola: Escola de Samba Beija-Flor
Presidente: Luis Carlos Pereira
Local de ensaio: Teatro da Vila Padre Anchieta

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Luís Carlos Pereira; **endereço:** Av. João Paulo II, Cond. Sta. Helena, apto. 32, Bloco A, Vila Pe. Anchieta e **telefone:** não tem

Nome da escola: E. S. Grêmio Recreativo Unidos do Salgueiro

Presidente: Francisco Estanislau de Oliveira

Local de ensaio: Rua 19, nº 91, Parque D. Pedro II

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Francisco Estanislau de Oliveira; **endereço:** Rua 19, nº 91, Parque D. Pedro II e **telefone:** não tem

Nome da escola: Escola de Samba Império do Samba

Presidente: José Roque de Oliveira

Local de ensaio: Rua 7 de setembro, 187, Vila Industrial

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Juquinha, **endereço:** Rua 7 de setembro, 187, Vila Industrial e **telefone:** 47-4415

Nome da escola: Bloco Afro Yle Ogun

Presidente: Aluizio Jeremias

Local de ensaio: Rua Serra do Piauí, Esquina com Rua Cristovão Bonini, Jardim Proença

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Aluizio Jeremias, **endereço:** R. Valentim Segálio, 271, Vila Castelo Branco e **telefone:** não tem

Nome da escola: Bloco Nem Sangue Nem Areia

Presidente: Antonio Cândido

Local de ensaio: Rua João Theodoro, 494, Vila Industrial

Local usual de apresentação: Av. Francisco Glicério

Elemento para contato: nome: Antonio Cândido, **endereço:** Rua dos Carismãs, 176, Vila Costa e Silva e **telefone:** não tem

V – Conclusão

Realizamos visitas às cidades de Paulínia, Joaquim Egídio e Sousas, participando em reuniões com professores e diretores de Escolas de 1ª e 2ª graus, a fim de apresentarmos nosso plano de trabalho. A seguir fomos às classes de todas as Escolas, incluindo o Supletivo de Paulínia, solicitando a colaboração dos alunos.

LEVANTAMENTO DA CULTURA POPULAR NA REGIÃO DE CAMPINAS

Quanto às visitas realizadas em casas de pessoas simples, eram bem sucedidas quando acompanhadas por pessoas conhecidas da cidade.

Na cidade de Paulínia a colaboração e apoio das professoras Leila Aparecida Pinto Silva e Deorides Mariani Limoli respectivamente Diretora da Divisão de Educação, Cultura e Lazer e Supervisora da Cultura foi muito importante e oportuno.

De acordo com o cronograma proposto para a realização do levantamento, ele foi dificultado pela parca informação de dados encontrados nas Bibliotecas Públicas dos Municípios, além de que durante as Comemorações do mês de agosto (mês do folclore) as informações se repetiam; aliado a dificuldade de se obter informações corretas por parte das pessoas questionadas e a demora na definição dos pesquisadores, que efetivamente trabalhariam no levantamento.

Finalmente estamos concluindo nosso projeto, chegando as seguintes considerações: o artesanato folclórico de Campinas, na sua expressão muito variada, explica-se na história sócio-cultural e econômica das cidades envolvidas, onde o imigrante externo ou interno teve sempre muita importância, na sua manifestação de cultura espontânea.

O folclore deve ser entendido como resultante da aculturação e não como originário deste ou daquele grupo cultural. As características folclóricas permanecem em um ou outro local, o que não deixa de ser um atrativo para um turista, que venha de uma localidade onde a informática praticamente monopoliza sua maneira de viver.

Fazemos ainda, algumas considerações sobre os aspectos positivos e negativos encontrados:

a) Aspectos Negativos

O fator financeiro foi preponderante, uma vez que o projeto de pesquisa foi orçado em Cr\$1.042.600 em outubro de 1982 e a verba aprovada e liberada em parcelas pela Universidade em junho de 1983, foi de Cr\$825.000.

Iniciamos o projeto já com uma defasagem de Cr\$200.000 no seu orçamento inicial, sem contar com a desvalorização do cruzeiro passados praticamente um ano do orçamento inicial.

Conseqüentemente, tivemos que fazer alguns cortes no orçamento inicial, como: estava previsto filmagens em Super 8, utilização de fitas cassetes para gravação de entrevistas, verba para publicação da pesquisa. Esses cortes foram realizados e nos limitamos a fazer entrevistas sem

gravação, utilizamos somente slides para ilustrá-la e à publicação deverá ser proposta a Revista Comunicarte do IAC.

O andamento da pesquisa também viu-se prejudicado pela burocracia das instituições pesquisadas, para o levantamento bibliográfico, dificultando o acesso a esses acervos, limitando nosso tempo de poder do material, fazendo-nos voltar várias vezes ao mesmo local.

Outro fator relevante é a falta de embasamento para pesquisa do nosso aluno, fator esse que dificultou na seleção dos mesmos para a aplicação dos formulários e entrevistas. A princípio tínhamos pensado em 21 alunos para a aplicação dos formulários, mas pela verba não ser suficiente, pois implicava em deslocamentos e pelo pouco interesse demonstrado por eles, pelo fator exposto acima, reduzimos o número para apenas 6 alunos, facilitando nosso controle de qualidade e coordenação do projeto. Mas prejudicando quanto ao fator tempo, pois o tempo gasto para aplicação foi maior do que o previsto no início.

Tivemos também problemas relacionados a mudanças de datas ou até mesmo a não realização de alguns eventos já programados, dificultando o levantamento. Além disso contrastes e incoerências nas respostas de alguns formulários que nos obrigaram a retornar nos lugares já verificados, dificultando e atrasando a tabulação dos dados.

b) Aspectos Positivos

Embora tivéssemos dificuldades financeiras desde o início do projeto, resolvemos executá-lo na medida do possível, por ser ele o 1º Projeto de Pesquisa do Instituto de Artes e Comunicações a ser contemplado com uma verba específica, e isso dava-nos estímulo e entusiasmo para continuarmos, a fim de que novos Projetos do Instituto fossem aprovados pela Universidade.

A Universidade estava dando seu primeiro passo para efetivar a pesquisa em seu contexto. Efetivação essa, necessária para que a Universidade seja respeitada como Instituição de Ensino.

A vivência junto às comunidades de Sousas, Joaquim Egídio, Paulínia e Campinas, foi altamente gratificante em termos de trabalho, pois pudemos avaliar com maior conhecimento de causa os problemas sócio-econômicos e culturais por elas enfrentados.

O estudo interdisciplinar entre Educação Artística e Turismo integrando os cursos, abrindo perspectivas de novas oportunidades de projetos.

O fator de pioneirismo nesse tipo de levantamento na Região de Campinas, pois nada semelhante foi encontrado.

Notas Bibliográficas

- (1) Correio Popular Campinas – 06-01-81.
- (2) Amaral, Leopoldo – **Campinas – Recordação**, 1927, pp. 85-94.
- (3) Idem pp. 339-334.
- (4) Idem pp. 208-209.
- (5) Idem pp. 194-209.
- (6) Idem pp. 383-389.
- (7) Idem pp. 309-315.
- (8) Idem pp. 263-268.
- (9) Idem pp. 243-249.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Leopoldo – **Campinas – Recordações**, 1927.
- BATTISTONI, Duílio – **Aspectos culturais da história de Campinas**.
- BRITO, Jolumá – **História de Campinas**, obra com 26 volumes.
- BRITO, Jolumá – **História da cidade de Paulínia**.
- GOMES, GODOY, Zuleika – **Monografia histórica e estatística do Distrito de Sosas**.
- LANARO, João – **Tipos populares – fisionomia de uma cidade**. Super Gráfica Ltda. – Campinas, 1954.
- MARIANO, Julio – **Campinas de ontem e anteontem**, Ed. Maranata, 1970.
- MELLO, Celso Maria de – **Campinas, município no império**, Imprensa Oficial, SP., 1983.
- MENDES, J. Castro – **O Carnaval – Retrato da velha Campinas**. Revista Palmais.
- PUPO, Benedito Barbosa – **A margem da história de Campinas – 1973**.
- VIDIGAL CARNEIRO, Alba – **Folclore em Campinas**.
- VIDIGAL CARNEIRO, Alba – **Folias de reis e do menino e o boi**.
- ZALUAR, Augusto Emílio – **Peregrinação pela Província de São Paulo – (1860-1861)**.
- Artigos de Jornais, Revistas e Boletins.